Da Eficácia das Palavras

Por modo de Harmonia

 Os freqüentes e notáveis efeitos da música acodem com grande socorro à virtude intrínseca destes sinais exteriores pela eficácia com que enérgica e misteriosamente parece que obra no peito dos homens. Porque agora nos faz chorar, agora rir; ora eleva, ora deleita; uma vez move a furor, outra a saudade; recobra as forças, persuade, incita, refreia e assim joga com os ânimos como se estivessem subalternados a seu alvedrio, e o que mais é que não só pela voz humana obra a música estes efeitos, mas também pelo canto das aves irracionais igualmente se conseguem. Ainda passa mais adiante, pois com a harmonia dos instrumentos insensíveis regulando o estrondo e o movimento por cláusulas proporcionais, introduz em nossos corações efeitos peregrinos e de que eles não participavam, sem outra operação ou diligência que ferir o ar pelo vento regulado ou pelo contato numeroso produzido do órgão que a flauta ou corda que se fere. Vozes são estas por certo, ainda que artificiais, onde concorre altamente com sua nobre eficácia a natureza.

 Daqui os antigos reduziram a quatro modos a universal harmonia: ao primeiro disseram Frígio, porque florescia nesta província Frígia e é aquele a quem os músicos modernos chamam terceiro tom, cujos efeitos são de severidade, incitam os ânimos à ira e corroboram com novo vigor: debaixo do qual modo se compreendem os instrumentos bélicos, porque vemos que, em virtude do furor que nos infundem, somos levados aos próprios afetos, que a antiguidade atribuía ao seu modo frígio. Ao segundo chamaram Lídio, também porque os de Lídia se avantajavam nele, e é hoje o quinto tom dos modernos; por este celebravam as exéquias e todas as ações de saudade e lamentação, a que agora correspondem os motetes, madrigais, lamentações e responsórios que nos provocam a melancolia, gravidade e todas as ações saudosas. Ao terceiro nomearam Dório, quase pela mesma razão que aos dois primeiros. Este é agora o primeiro tom, com o qual se celebram todas as ações de alegria, porque provoca a pureza, devoção, júbilo e descanso; e têm com ele correspondência os discantes, bailes, tons e chansonetas que divertem de qualquer melancolia o ânimo mais oprimido. O quarto modo era o Mixolídio, que é o sétimo tom, por quem somos elevados à maior alteza de espírito, levantando os corações a toda a sublimidade. Com este modo, ao sétimo tom, têm conexão os hinos, salmos e cânticos eclesiásticos, altivos, devotos e de grande majestade. Mas sem estes quatro modos referidos havia também aquelas tão celebradas músicas que diziam harmônica, cromática e diatônica, de que em vários livros se escrevem maravilhas, como se vê em Aristóteles, Apuleio, Sêneca e Quitiliano.

 O Doutor Manuel Valle de Moura, nosso português, e frequentemente por nós citado no seu erudito livro de *Incantationibus, seu Ensalmis*, havendo falado nesta Ciência Cabala, disputa se na língua hebréia pode haver alguma eficácia mais do que em qualquer outra, seguindo sempre a parte negativa, porque lhe parece ser necessário que aquela composição e razão, que se conserva em um corpo, haja de passar e ser permutada a outro inteiramente; e que, visto que esta energia física, se não derivou a alguma língua desde a hebréia, fica certo que ela a não teve nunca; ao que se opõe Marsilio Fisino, negando tal necessidade: logo deduz e forma, segundo esta doutrina, o Doutor Valle argumento contra a música de David, da qual é de parecer que ela não expelia ou ligava por própria virtude o Demônio de Saul, antes afirma que aquele espírito se deve entender por algum humor melancólico predominante em Saul (a que também médicos e filósofos costumam chamar banho infernal) que se mitigava pelo benefício da harmonia, cujo poder Aristóteles reconheceu em muitos lugares, dizendo que a música é:*Ars inspectiva, ET activa*; e em outra parte lhe chama: *Habitus inspectivus, ET activus, ET effectivus.* Nós não duvidaremos que a convalescência de Saul assim podia ser efeito da letra que se cantava, como da música, e ainda, concedendo que o acidente não fosse causado de espírito, mas de humor, se por virtude de palavras ou de consonâncias, a opressão de Saul cedia à música de David, segue-se que na música, ou considerada como palavra, ou como harmonia, virtude houve intrínseca para modificar a pena de Saul, fosse humor ou demônio.

 Militam por esta opinião infinitos exemplos. Porque de Alexandre escreveu Diodoro que tangendo Timóteo seu cantor, o incitava a tomar as armas, e com o mesmo instrumento, mas com outras cláusulas, o fazia logo entrar em sossego. Terpander Lésbio, com a sua música, pôs em paz as sedições dos lacedemônios, como o refere Plutarco e segundo Boécio. Hermenias Thebano curava com a música o mal de ciática. Thales Cretense evitou de peste a Lacedemônia por meio de suas consonâncias, como se lê nos Morais de Plutarco. E de Febo para Grécia diz o mesmo Homero. Chiron, segundo Stophilo, converteu a música em medicina, e esta própria mezinha aplicava aos frenéticos Asclepíades, conforme se vê em Marciano Capella. O mesmo sucedeu a Empédocles Agrigentino, mitigando com sua música as desordens de um mancebo furioso, que afirma Plutarco. Saxo refere de Hothereus, rei dos suevos, que com a música persuadia quanto desejava aos ouvintes. E Galeno, a quem poucas filosofias se ocultaram, diz que Damon fez viraar logo com a música dórica a uns varões de Grécia, que com a música frigia se haviam enfurecido. Quase o mesmo conta Boécio de Pitágoras; assim do imperador Theodósio se lê em Nicéphoro, que sendo-lhe feita por seus músicos uma petição a favor dos antioquenos não pode escusar-lha, sendo injustíssima. E não menores efeitos que os referidos ouvimos de Gilimer, rei dos vândalos, e de outro de Dinamarcas, segundo Procópio.

 Mas sem que para provar a virtude enérgica da música necessitamos do testemunho da antiguidade, é maior de toda a exceção a cura, que muitas vezes havemos visto ministrar aos feridos da tarântula, animal pequeno, quase aranha, de que se acham muitos em Apúlia e reino de Nápoles, principalmente no estado de Taranto, de quem devia tomar o nome, o qual injustamente Nebrija traduz *estalion*, que são as pequenas lagartixas. Fere de ordinário a tarântula aos moços rústicos nos exercícios dos campos, por uma sutil mordedura, cujo veneno se reconcentra à maneira de humor crônico, porém sai daquela parte, onde se recolhe (enquanto dura) regularmente todos os anos, em semelhante dia ou hora, ao que o homem foi ferido; causa mortais acidentes, e o principal é um contínuo e desordenado movimento (de que procede chamar-se atarantada a pessoa inquieta), porque pelo acometimento que faz ao coração a redução do veneno, não pode ter algum sossego. Recorre-se então a este esquisito memédio, tangendo-se em presença do ferido grande variedade de tons em qualquer músico instrumento, e principalmente de cordas, entre as quais, por secreta simpatia que há entre o mal a aquelas tais consonâncias, chegam algumas a seus ouvidos e deles ao coração de que logo começa a alegrar-se, e bailando instantânea e desordenadamente cai retido em terra, onde repousa, dorme e fica livre de seu mal, até o ano futuro. Sendo aqui para notar que, achando-se muitos oprimidos deste acidente, quase todos têm sua cura em diversas consonâncias, como vi e observei muitas vezes; e já parece que este modo de curar as mordeduras venéficas foi achado dos antigos, pelo que conta Marciano Capella, que Xenócrates curava com música as mordedurasdos cães danados.